

A ciência de acordo com a política

Antonio Vital e Maria Clarice Dias
Da equipe do Correio

A Secretaria de Educação pretendeu dar um caráter científico à iniciativa de acabar com o Programa Bolsa-Escola da forma como é aplicado hoje. Na exposição de motivos da secretária Eurides Brito, três pesquisas diferentes foram usadas para embasar a decisão do Governo do Distrito Federal. Ao analisar as pesquisas, a secretária concluiu que a bolsa não cumpriu os objetivos de tirar as crianças da rua e levá-las à escola, nem teve impacto no desempenho dos alunos. As pesquisas mostram isso mas não são suficientes para abalar todas as conclusões da secretária.

Para justificar o fim do programa, a Secretaria de Educação buscou refutar ponto por ponto sua eficácia. Os pontos escolhidos foram tirados de um resumo elaborado em 1997 pelas secretarias de Educação e de Comunicação do governo Cristovam Buarque.

No documento do governo anterior, na verdade um resumo que tinha como finalidade divulgar a bolsa, foram pinçadas algumas frases, em seguida comparadas aos resultados das pesquisas. As frases foram definidas pela secretária como "postulados básicos" do programa. E os resultados das pesquisas aparentemente as desmentiam. Aparentemente.

Uma delas: "Se há crianças que não vão à escola porque têm que trabalhar ou porque suas famílias, prisioneiras da pobreza, não dão importância à educação, a sociedade pode atraí-las às escolas, pagando-lhes um salário". Outra: "Não visa à distribuição de renda, mas o acesso de todos à escola".

DINHEIRO

Duas das pesquisas concluem que a bolsa-escola levou poucas crianças (em uma delas, feita pelo Departamento de Inspeção de Ensino da própria secretária, 2,3%; em outra, elaborada pela Universidade Católica, 9,1%) das ruas para as salas de aula. A mesma pesquisa da Católica apontou que o salário pago às famílias dos bolsistas estava sendo usado para outros fins (52,5% para alimentação; 28,3% para roupas; 17,5% para material escolar e 15% para eletrodomésticos). Conclusão da secretária: a bolsa-escola, hoje, é um programa de renda mínima e não um programa educacional.

A terceira pesquisa corroboraria essa tese: o desempenho dos alunos bolsistas é inferior ao dos demais alunos. Isso ficou claro em um teste aplicado por pesquisadores da Fundação Cesgranrio, do Rio de Janeiro. Ou seja, o programa não atenderia ao objetivo de educar.

Mas as pesquisas têm que ser vistas com cautela. A da Cesgranrio, por exemplo, não foi feita com o objetivo de avaliar, apontar falhas ou propor soluções para o Programa Bolsa-Escola. O objetivo inicial do trabalho dos pesquisadores — inclusive, foi essa a encomenda feita pela Secretaria de Educação —

era o de avaliar os alunos da Escola Candanga, como é chamado o método de ensino adotado em Brasília que não obedece às séries tradicionais do 1º grau.

Para avaliar esses alunos, os pesquisadores aplicaram uma prova de Português e outra de Matemática. Mas, como só era possível avaliá-los comparando o desempenho deles com o de outros estudantes do mesmo nível, foram aplicadas as mesmas provas aos alunos do regime seriado normal e aos das Turmas de Reintegração (TR), destinadas a crianças com atraso educacional. Ao responder às provas, os alunos tinham de dizer se eram ou não bolsistas.

DESEMPENHO

Em todas as faixas pesquisadas, o desempenho dos bolsistas foi inferior ao dos não-bolsistas. A secretária concluiu que um dos objetivos do programa — o de educar — não estava sendo cumprido. O problema é que não existe qualquer pesquisa anterior, com a mesma metodologia, que sustente a conclusão. Ou seja, não é possível comparar a evolução dos desempenhos.

No ano passado, uma pesquisa patrocinada pela Unesco e pelo Unicef, coordenada por Júlio Jacobo Waiselfsz, mostrava que o programa poderia estar levando à melhoria do desempenho dos bolsistas. O pesquisador descobriu que, proporcionalmente, os bolsistas passavam de ano mais que os não-bolsistas. Enquanto o índice de aprovação dos beneficiados pelo programa aumentou 9,5%, o dos não-bolsistas cresceu apenas 1,5%. Isso, comparando-se os anos de 1994 e 1996.

Isso não desmente a pesquisa da Cesgranrio. Efetivamente, os alunos que recebem bolsa-escola tiveram notas menores (veja quadro). Mas não existe pesquisa anterior que determine se as notas dos bolsistas estão melhorando ou não. E nem esse era o objetivo do trabalho dos pesquisadores da Cesgranrio.

A mesma pesquisa do Unicef usa método diferente para avaliar se o dinheiro da bolsa-escola estava sendo bem aplicado ou não. Os alunos tiveram que responder se tinham material escolar suficiente para suas tarefas. Entre os bolsistas, 17,5% disseram ter menos do que precisavam. Esse índice, entre os que não tinham bolsa, foi de 22%.

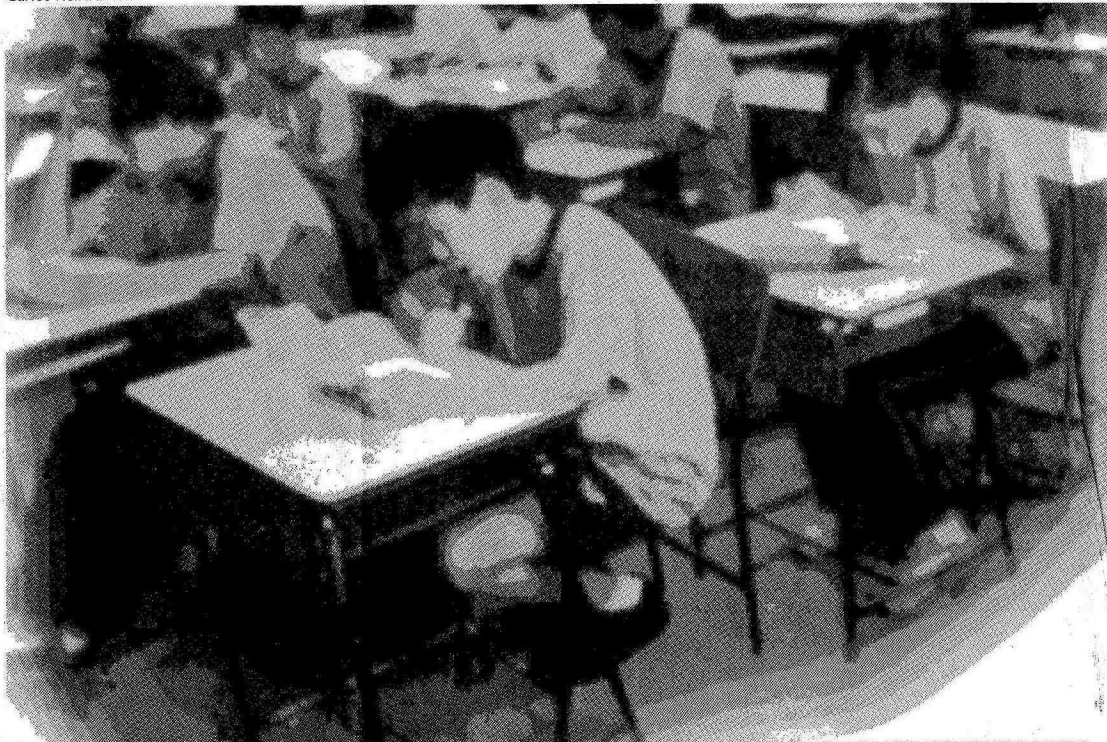
DUAS QUESTÕES

As críticas da secretária ao programa adotado pelo governo anterior são baseadas em duas questões para as quais as pesquisas não apontam solução. Uma delas, se a melhor forma de ajudar o público-alvo da bolsa é com dinheiro. A outra, se o critério de frequência — e não do desempenho — é o melhor para selecionar os beneficiados.

Nenhuma das pesquisas foi encomendada com a finalidade de responder a essas questões.

Uma delas, feita pelo Departamento de Inspeção do Ensino da própria secretária, teve como objetivo verificar se as crianças beneficiadas pelo programa estudavam ou não antes de o mesmo

Carlos Vieira 29.6.99



O QUE A SECRETARIA LEVOU EM CONTA

PESQUISA 1

Universidade Católica

OBJETIVOS

RESULTADO

Antes da bolsa-escola, 14,6% dos alunos trabalhavam. Depois do benefício, 6,67% continuaram trabalhando

CONCLUSÃO DA SECRETARIA

O trabalho impedia apenas 7,5% das crianças de estudar, ou seja, não se sustenta o pressuposto de que o programa oferece oportunidade de estudos para alunos que têm necessidade de trabalhar

COMENTÁRIO

O desemprego aumentou de 1995 para cá e o estudo não tem condições de indicar como estariam essas crianças sem a bolsa-escola

USO DO DINHEIRO

RESULTADO

Alimentação	52%
Roupas	28%
Material escolar	17,5%
Eletrodomésticos	15%

CONCLUSÃO DA SECRETARIA

Os recursos foram empregados como complementação de renda, para atender a outras necessidades da família, e não no atendimento da criança em sua vida educacional

COMENTÁRIO

A secretária não leva em conta o impacto da melhoria da alimentação no aprendizado

PESQUISA 2

Cesgranrio

DESEMPENHO

Prova/Série	Sem Bolsa-Escola	Com Bolsa-Escola
Média das notas, de 0 a 100		
2ª Série/Matemática	27,9	20,1
2ª Série/Português	38,2	28,2
5ª Série/Matemática	37,6	34,1
5ª Série/Português	51,8	48,3

CONCLUSÃO

Em nenhum momento do programa é enfatizada a aprendizagem das crianças

COMENTÁRIO

A secretária não leva em conta que os beneficiados pela bolsa-escola têm um histórico pior que os não-bolsistas. E não existe pesquisa anterior para comparar o rendimento. Na verdade, o desempenho geral foi péssimo.

PESQUISA 3

Secretaria de Educação

DÉFICIT ESCOLAR

RESULTADO

Dos 4.101 alunos pesquisados, apenas 94 (2,3% do total) não se encontravam matriculados antes da bolsa-escola

CONCLUSÃO

A Bolsa-Escola não pesou significativamente na redução do déficit escolar

COMENTÁRIO

Os objetivos do programa eram mais amplos

O QUE A SECRETARIA NÃO LEVOU EM CONTA

PESQUISA DO UNICEF - Fonte: Bolsa escola: melhoria educacional e redução de pobreza, Unicef, 1998

DESEMPENHO

- Entre 1994 e 1996, a taxa de aprovação dos não-bolsistas aumentou 1,5% (passando de 78,4% para 79,9%)
- No mesmo período, a taxa de aprovação dos bolsistas aumentou 9,5% (passando de 78,4% para 87,9%)

CONCLUSÃO

Sugere que a permanência nos programas poderia estar induzindo a melhorias acumuladas de desempenho

EVASÃO

A taxa de evasão dos bolsistas é 15 vezes menor que entre os não-bolsistas

CONCLUSÃO

O programa foi eficiente para garantir a presença dos alunos na escola

PÚBLICO

Na população estudantil da rede pública do DF, 43,7% encontram-se na série certa para sua idade. Entre os participantes da bolsa-escola, esse percentual é de apenas 25,5%

CONCLUSÃO

O programa atinge justamente a população mais prejudicada pelo atraso escolar

ser criado. Os pesquisadores selecionaram uma escola por regional de ensino (12, no total) e verificaram os históricos de 4.101 alunos. O resultado: apenas 94 destes não estavam matriculados antes de receber a bolsa, o equivalente a 2,3% do total.

Segundo Eurides Brito, isso

evidencia que o objetivo de tirar as crianças das ruas não foi cumprido pelo programa, pois não havia déficit de matrículas em Brasília que justificasse a criação da bolsa. O dado da pesquisa da secretária se choca com o da pesquisa da Universidade Católica. Ali, o percentual de bolsis-

tas que trabalhava antes de receber o benefício era de 9,16%.

A exposição de argumentos da secretária omite dados da pesquisa da Católica. Questionados sobre o que achavam do programa, 61,36% dos diretores de escolas entrevistados responderam "bom" e outros 19% "ótimo".